



“Livro Vivo”: rascunhando uma estratégia de inclusão

“Livro Vivo”: drafting an inclusion strategy

Maria Stella Brandão Goulart
Professora Doutora na Universidade Federal de Minas Gerais
Mestre e Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da UFMG
goulartstella2011@gmail.com

Leandro Henrique Silva Fiuza
Mestrando em Psicologia
Universidade Federal de Minas Gerais
leandro-fiuza@outlook.com

Camila Rodrigues Francisco
Mestranda em Psicologia
Universidade Federal de Minas Gerais
cfmilarodrigues@gmail.com

Ernesto Venturini
Universidade degli Studi della Repubblica di San Marino
eventurini@gmail.com

Maria Célia Nogueira
Mestre em Administração
Universidade Federal de Minas Gerais
mclima@reitoria.ufmg.br

Caio Couto Pereira
Graduando em Medicina
Universidade Federal de Minas Gerais
caiocoutopereira@gmail.com

Yara Lacerda Campos Malacco
Graduanda em Psicologia
Universidade Federal de Minas Gerais
yaramalacco@hotmail.com

Laura Fusaro Camey
Graduanda em Ciências Sociais
Universidade Federal de Minas Gerais
laurafcamey@gmail.com

Isabel Passos Delforte
Graduanda em Psicologia
Universidade Federal de Minas Gerais
isabelpdelforge@gmail.com

Leida Maria de Oliveira Uematu
Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental
leidamaria@bol.com.br

Emilha Maria de Oliveira Marques
Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental
emilhacosmica@hotmail.com

RESUMO

Este relato de experiência abrange o processo de construção e realização do evento de extensão denominado “Livro Vivo”, empreendido no campus da Universidade Federal de Minas Gerais, contemplando seu impacto. Inspirado em um modelo da União Europeia, o evento teve como objetivo possibilitar aos participantes um espaço de reflexão sobre o estigma e a exclusão social, inserindo-se na V Semana de Saúde mental da Universidade Federal de Minas Gerais, promovida pela Rede de Saúde Mental da universidade (Pró Reitoria de Extensão). A experiência permitiu aos participantes um contato face a face com pessoas que compartilharam vivências de racismo, homofobia, gravidez na adolescência, transtorno mental, e outros, dentre um conjunto de 16 temáticas que remetiam à histórias de estigmatização e exclusão social. Tendo impactado diretamente na realidade do campus, a dinâmica do “Livro Vivo” demonstrou-se uma ferramenta de intervenção vigorosa na luta por inclusão social.

Palavras-chave: *Inclusão social. Universidade. Saúde mental. Estigma. Exclusão social.*

ABSTRACT

This study reports an experience of construction and operation of a university extension activity called “Livro Vivo” (Human Library), that took place in the campus of the Federal University of Minas Gerais (UFMG), beholding its impact. Inspired by a model of the European Union, the event aimed to create a reflective space about the stigma and the social exclusion to the participants, as part of the V Mental Health Week, a bigger event in the same university, promoted by the its Mental Health Network. The experience allowed to the participants a face to face contact with people who shared situations of racism, homophobia, teenage pregnancy, mental disorders, and others that they have lived, between sixteen themes that brought up histories of stigmatization and social exclusion. Impacting directly in the campus reality, the “Livro Vivo” dynamic can be counted as an effective and potential intervention tool to promote the social inclusion.

Keywords: *Social inclusion. University. Mental health. Stigma. Social exclusion.*

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compartilhar o evento de extensão denominado “Livro Vivo”, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais na manhã de 18 de maio de 2017, Dia Nacional de Luta Antimanicomial. Trata-se de um texto descritivo que apresenta toda a grata vivência que foi realizar o “Livro Vivo” no campus universitário a partir da ótica de seus organizadores.

O projeto desenvolvido refere-se à experiência conhecida como “Human Library”, que, em tradução livre, significa “Biblioteca Humana”, cujo valor foi reconhecido na arena internacional.

A intenção pela realização desse evento nasceu da sintonia e preocupação da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, com o tema da saúde mental universitária. A academia tem, nos últimos anos, debatido e consolidado espaço de pauta para que os sujeitos com experiências de sofrimento mental da comunidade acadêmica possam se expressar propositivamente – alunos, professores e técnicos administrativos – e dialogar sobre o espaço coletivo que é o campus e as relações de inclusão e exclusão que nele se estabelecem e se reproduzem.

Em 2015, foi instituída a Comissão Institucional de Saúde mental, que preconiza como princípios da Política de Saúde Mental da universidade:

I. Universidade para todos: acolhedora, flexível, acessível, inclusiva e solidária.

II. Protagonismo das pessoas com a experiência de sofrimento mental.

III. Respeito à vida e aos valores éticos da convivência humana.

IV. Sintonia e defesa do Sistema Único de Saúde (SUS); da Política Nacional de Saúde Mental (lei 10.216/2001) e todo o arcabouço legal que compõe e orienta os Programas municipal, estadual e nacional de saúde mental para o tratamento territorial/comunitário em liberdade; da Política de Atenção à Saúde e Segurança do Trabalho do Servidor Público Federal (PASS); e da Política de Direitos Humanos da UFMG (Resolução 09/2016 de 31/05/2016). (UFMG, 2016, p.56)

O desenvolvimento de uma política de saúde mental é um grande avanço no caminho para uma comunidade acadêmica mais inclusiva e que preza pelo bem-estar de seus integrantes. A partir dessa Comissão, e pensando nos quatro pilares da política acima listados, a universidade tem encaminhado uma séria de atividades, e dentre elas, destacamos a do “Livro Vivo”.

A ação de extensão foi registrada no Sistema de Extensão da Pró-reitoria de Extensão da UFMG, sendo caracterizada formalmente como um evento de extensão da instituição (número 202646). Realizado ao ar li-

vre, em espaço aberto, na ensolarada manhã do dia 18 de maio, o evento fez parte das atividades da V Semana de Saúde Mental da UFMG e durante 4 horas ofereceu aos seus participantes a oportunidade de “encontro”, de escutar e ouvirem meio à correria do cotidiano. Dentro do meio acadêmico, ambiente em que a rotina é desgastante, a experiência se mostrou enriquecedora e proporcionou um espaço de partilha entre estudantes, técnicos, professores e também, a comunidade externa.

Descreveremos, neste relato, desde o início da organização para replicar o evento na UFMG, passando pelas reuniões de equipe, o processo de busca pelas histórias a serem contadas até a realização e avaliação que os participantes e equipe fizeram.

A experiência afetou não somente aqueles que participaram do evento como leitores, mas também os livros e toda a equipe organizadora. Nesse sentido, é importante pensarmos em mais espaços de comunhão, principalmente de escuta nos espaços coletivos. O “Livro Vivo”, sem dúvida, é uma ferramenta de inclusão que deve ser expandida para além dos muros da universidade.

EM BUSCA DO SENTIDO

A partir do senso comum, podemos definir o estereótipo como uma ideia ou conceito que se forma de algo ou alguém de modo apriorístico. Nessa perspectiva, pode ser tomado como sinônimo de preconceito – ou como a repetição indiscriminada ou sem questionamento de modelos pré-estabelecidos de cunho moralista. O verbo discriminar envolve uma distinção ou separação, ou seja, significa diferenciar e remete a um processo. Optaremos aqui pela discussão desse processo a partir do conceito de estigma, do sociólogo Erving Goffman (1975), abordando o preconceito, a discriminação e o estereótipo como questões aí contempladas, além de contemplar as implicações dos mesmos com relação à exclusão social.

Goffman (1975) começa a definir o conceito de estigma por meio de uma explicação sobre como esse “sistema” funciona. Segundo ele, a sociedade age como uma produtora de categorização de pessoas a partir de características identificadas como comuns e naturais na relação com o outro, afastando desse primeiro grupo o que é considerado estranho (por ser diferente). Geralmente, tais categorias operam por meio das primeiras características notadas, e então nomeia-se esse outro, vinculando-o a algum grupo social. Esse processo envolve ainda a formação de expectativas e de exigências, o que o autor chama de uma identidade social virtual, que é diferente da identidade social real – que se refere àquilo que o outro de fato é ou experiência.

Nesse processo, quando se nota alguma característica específica que difere de outros membros da mesma categoria, ou, que coincide com

os de uma categoria “indecifrável”, é que estaríamos diante de um estigma: a pessoa é reduzida a esta característica, a isso que é visto como sinalização de defeito, problema, fraqueza. Mas o autor chama a atenção para a fluidez dessas características, afirmando que o estigma prescreve uma relação entre uma característica arbitrária e um estereótipo. Assim, o que define um estigma não é a característica em si (por exemplo, sujeira), e sim, sua relação com o contexto (ex: estar sujo entre os colegas na escola pode evocar nos outros a impressão de falta de cuidado ou higiene).

Para o autor existem três tipos de estigma: 1) o de deformidades físicas; 2) culpas de caráter individual; 3) os tribais, de raça, nação e religião, que são transmitidos por linhagem. Em todos esses tipos se observa o mesmo mecanismo, no qual a pessoa é reduzida a uma única característica observada, o que impede, inclusive, que seja vista de modo complexo, como um todo (Goffman, 1975).

Ao estigmatizar, ocorre ainda uma espécie de desumanização desse outro, a partir de uma série de discriminações que inclusive justificam os julgamentos de valor relativos à inferioridade/periculosidade, agregando e associando ao sujeito estigmatizado, cada vez mais, julgamentos que viabilizam também o isolamento e/ou a animosidade perante a ele. A autodefesa do sujeito estigmatizado, perante estas situações de exclusão, é vista ainda como resultado de seu defeito, e assim a lógica do estigma se retroalimenta (Goffman, 1975).

Em Wanderley (2009), temos que a noção de exclusão se torna central nos debates intelectuais e políticos a partir dos anos 90. Ela atribui seu surgimento ao autor René Lenoir, em 1974, que discutiu o termo como algo que se origina das sociedades modernas, por meio da “urbanização, inadaptação e uniformização do sistema escolar, além do desenraizamento da possibilidade profissional e ainda das desigualdades de renda e de serviços” (Wanderley, p. 16–17). Fazendo um recorte ocidental, a autora, a partir de estudos de outros autores, aponta que os excluídos são todos àqueles que são rejeitados pelos nossos mercados materiais ou simbólicos e de valores, chamando a atenção, para o fato de que certos valores e representações do mundo excluem pessoas.

Os estudos sobre exclusão devem se contextualizar no espaço e tempo que o fenômeno se refere, e aqui podemos pensar no que citamos acima sobre o fato do estigma se estabelecer a partir das relações e como um processo. Vêras (2009) afirma que são nos estudos de Atkinson que se compila o conceito de exclusão como algo que está para além dos processos de participação na vida do trabalho, pois recorda que Pierre Bourdieu também pensa sobre tais questões a partir do subúrbio e do gueto. No Brasil, as causas de exclusão interseccionam outras categorias além da classe social – portanto, pobreza e exclusão não são sinônimos, ainda que estejam frequentemente correlacionadas – e é algo que podemos observar com as pessoas envolvidas na experiência com o Livro Vivo.

A dinâmica do estigma explicita como o ciclo da reprodução da exclusão costuma operar via aceitação naturalizadora da sociedade e do próprio excluído como algo fatalista, que “é assim e não vai mudar”. Como observa o sociólogo Erving Goffman, a pessoa estigmatizada, em algum nível, também introjeta esse processo e esta marca (1975, p. 16).

É importante, portanto, pensar em espaços de desnaturalização de tais situações, e aqui falamos em termos de saúde mental, pois aquele que está excluído socialmente é privado de uma série de direitos, vínculos, espaços, entre outros, e isso pode ser profundamente adoecedor, além do inevitável sofrimento.

A partir das reflexões acima, o evento organizado durante a V Semana de Saúde mental da UFMG, na manhã do dia 18 de maio de 2017, destacamos que a experiência do Livro Vivo permitiu aos participantes leitores, um contato íntimo com realidades convencionalmente estigmatizadas, como a questão racial, a homossexualidade, a gravidez na adolescência, o transtorno mental, entre outras. Configurou-se uma importante ferramenta de intervenção contra a estigmatização.

COMO FAZER UM “LIVRO-VIVO”?

O método foi realizado em vários países e para diferentes contextos. Trata-se de uma verdadeira biblioteca, com bibliotecários - pessoas responsáveis pelo cuidado do espaço e de seus sujeitos e objetos - e com um catálogo dos títulos disponíveis aberto a potenciais leitores. Da mesma forma que os livros de papel, os Livros Vivos são “emprestados” por um determinado período. No entanto, as obras disponibilizadas são pessoas reais, dispostas a compartilhar suas próprias experiências e os seus próprios valores, marcados por processos de estigmatização e exclusão.

Os títulos são deliberadamente muito diretos, com o intuito de provocar reações emocionais, de diversas formas, em potenciais leitores, promovendo não somente a curiosidade, mas trazendo em seu bojo a discussão sobre discriminação, estereótipos e preconceitos. Como exemplos, podemos citar: “Violência Doméstica”, “Mulher com o véu islâmico”, “Menina lésbica”, “Casal Gay”, “Abusada sexualmente”, “Transsexual”, “Mãe solteira”, “Desempregado”, “Refugiado”, “Muçulmano”, “Deprimido”.

A Biblioteca Humana (UE, 2011) oferece aos leitores a oportunidade de encontrarem-se face a face, ouvir e dialogar com pessoas com as quais os leitores dificilmente imaginariam ou teriam possibilidade de interagir. Essa interação tem como premissa não permitir, de nenhuma forma, o reducionismo. O objetivo é de promover o reconhecimento e o respeito às pessoas, em suas singularidades, tendo como princípio a ideia de que elas não representam nada além de sua própria história e sua expe-

riência no cotidiano.

A intervenção deve ocorrer, como recomendação, em um espaço público (uma biblioteca, um museu, uma escola, uma sala de aula da universidade), sendo limitada no tempo (geralmente um ou dois dias) para não desgastar as pessoas envolvidas, especialmente, os livros. Trata-se de uma experiência muito intensa, do ponto de vista subjetivo. O período de consulta, que é a escuta do livro, não pode ser muito extenso. Sugere-se cerca de meia hora a, no máximo, quarenta minutos, em duas ou mais sessões, de modo a preservar a integridade psíquica do narrador.

Ela foi criada por um grupo de jovens dinamarqueses em 1993. Convencidos de que a compreensão era a pré-condição da tolerância, esses jovens fundaram a ONG “Acabar com a Violência”. No festival da juventude em Roskilde em 2000, a ONG desenvolveu o método, proporcionando um espaço protegido para permitir um diálogo entre as pessoas. Em 2002, a experiência foi repetida na Stadsbibliotek em Malmö, Suécia. Desde 2003 a iniciativa tem sido reconhecida pelo Conselho da Europa como uma boa prática, e como tal, incentivada. Em 2005, o mesmo Conselho encomendou uma espécie de manual¹ para criar, gerir e desenvolver uma “biblioteca viva”. A “Biblioteca Humana” tem sido exportada para todo o mundo com grande sucesso.

No entanto, poucas foram, as experiências de “bibliotecas humanas” sobre o tema da saúde mental; destacaremos aqui duas delas.

A primeira ocorreu nos anos 2003-2004, no processo de desinstitucionalização que ocorreu em Ímola na Itália. Nessa ocasião, o psiquiatra Ernesto Venturini, diretor do Departamento de Saúde Mental ao longo de um processo de desinstitucionalização que resultou no fechamento do hospital psiquiátrico. Essa vivência apoiou-se em alguns eventos públicos que promoviam a abertura da estrutura manicomial e contribuiu para a criação algumas ONGs, cooperativas e associações dos usuários (VENTURINI, 2016). A experiência foi repetida, por ocasião de um curso de formação para profissionais de saúde mental, realizada por Venturini, na Agência de Saúde de Treviso, que teve a participação de cerca de 150 operadores de saúde. Algumas das sessões do “livro vivo” foram editadas em vídeos. Foi este Know-how que orientou a experiência realizada em Belo Horizonte, contando com a participação e supervisão de Venturini, a partir de Convênio estabelecido com a Universidade da República de San Marino.

A segunda experiência refere-se às sessões de “livros vivos” que foram promovidas pela Rede de Saúde Mental Lombardia (RUL), em 2015, no Museo del Novecento em Milão, Itália, e em 2016, na Galeria d’Italia na Piazza Scala, em Milão, por ocasião do Dia Mundial da Saúde Mental. Este último evento foi possível graças à intervenção do Fórum da Cidade-Mundo e da ABCittà, que são ONGs, dentro do ambiente multicultural de MU-

1

Disponível em: www.coe.int/hre

DEC, Museo delle Culture. A iniciativa dos “livros vivos” encontrou grande sucesso no evento “Apoio entre Pares e Saúde Mental: o papel ativo dos usuários”, realizado em 6 de novembro de 2015 (na região da Lombardia).

LIVROS VIVOS NA UNIVERSIDADE: A EDITORAÇÃO

A iniciativa pela realização do projeto na UFMG surgiu de um convênio de cooperação entre a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade de Estudos da República de San Marino – UNIRSM. As duas universidades desenvolvem uma pesquisa conjunta sobre o tema da saúde mental universitária, que abrange, dentre outros pontos, o tema da exclusão social. A demanda por produzir uma versão da Human Library na UFMG vai de encontro com o apelo que a própria universidade tem feito por práticas que promovam maior inclusão social no campus, em sintonia com a política de cotas e de inclusão social.

A UNIRSM forneceu o Know how necessário para a realização evento por meio do psiquiatra e professor Ernesto Venturini, que se integrou ao Laboratório de Direitos Humanos e Transdisciplinaridade, LADHT – UFMG, como membro visitante.

A primeira mobilização para o evento começou com a reunião de pessoas já envolvidas nas ações do LADHT, e que se interessaram em participar como organizadores. Configurou-se uma equipe transdisciplinar, que contou, além de professores do campo da Psiquiatria e Psicologia social², com estudantes de graduação dos cursos de Psicologia, Ciências sociais e Medicina, mestrandos em Psicologia, técnicos administrativos da UFMG, usuários e familiares do serviço de saúde mental da rede de Belo Horizonte. Essa comissão inicial foi constituída por 11 pessoas, no total.

Após a criação dessa equipe, em março de 2017, iniciaram-se os estudos e discussão do manual: “Don’t judge a book by its cover! The Living Library Organiser’s Guide” (2011). Esse manual relata a experiência europeia do projeto, fornecendo as indicações para realização do evento e os materiais necessários, como, por exemplo, os modelos de fichas de avaliação.

A equipe se reuniu semanalmente para debater o projeto e adequá-lo à realidade brasileira, estabelecendo a meta de realização da intervenção na semana comemorativa do Dia Nacional de Luta Antimanicomial. Entre estas adequações estava o nome do evento. O grupo decidiu modificá-lo para a versão que seria realizada na UFMG e elegeu: “Livro Vivo”. Também foram definidos como slogans do evento: “Não julgue o

livro pela capa” (sugerido pelo Manual) e “Minha vida é um livro aberto”. Estas frases que seriam utilizadas nos materiais de divulgação e brindes que seriam distribuídos como forma de publicização da discussão.

Figura 1 – Folheto de Divulgação e arte para o botom



Fonte: Acervo dos autores.

A escolha da data para o evento, 18 de maio de 2017, inseriu a atividade na V Semana de Saúde Mental e Inclusão Social, promovida pela Rede de Saúde Mental da UFMG, ocasião em que, tanto a universidade, quanto a rede de Assistência em Saúde Mental da Belo Horizonte, realizam diversas atividades sobre o tema da inclusão social.

A equipe constituiu uma lógica de trabalho participativo e cogeri-do. Dividiu-se em comissões que levariam adiante as diversas frentes de ações do projeto, sendo elas: o orçamento e logística do evento, a criação gráfica, a divulgação e equipe de logística. Nas reuniões semanais, cada comissão informava o andamento das suas atividades e decisões gerais eram tomadas de modo compartilhado. Assim, foram captados também os patrocinadores e apoiadores do evento. O principal objetivo era envolver o máximo de pessoas na discussão e não apenas angariar fundos para custear a produção. O evento recebeu apoio de entidades ligadas à universidade, com exceção da colaboração do Rotary Club. A Tabela 1 mostra os apoiadores desta edição:

Tabela 1 - Instituições apoiadoras

PROEX - Pró-reitoria de extensão
NAI - Núcleo de Acessibilidade e Inclusão
SINDIFES - Sindicato Dos Trabalhadores Nas Instituições Federais De Ensino
NOSSACOP - Cooperativa de Economia e Crédito dos Empregados das Instituições de Ensino e Pesquisa e de Servidores Públicos de Minas Gerais Ltda.
CASU - Caixa De Assistência À Saúde Da Universidade/UFMG.
APUBH - Associação dos Professores universitários de Belo Horizonte
LADHT - Laboratório de direitos Humanos e Transdisciplinaridade
ASSUSAM - Associação dos Usuários do Serviço de Assistência em Saúde Mental
ROTARY INTERNATIONAL - Belo Horizonte

Uma segunda etapa do planejamento foi a de ampliação da participação da universidade através do convite para a realização de monitorias. Esse monitor seria uma pessoa que o acompanharia até o dia do evento, como elo entre a organização e o livro. No dia do evento o monitor também daria suporte durante a leitura e até mesmo protegendo o livro se algo se desviasse do esperado com os leitores. Participaram como monitores 20 pessoas, entre estudantes da graduação em Psicologia, servidores públicos da UFMG e convidados externos sensibilizados com a temática. Assim, envolvemos mais profundamente as organizações apoiadoras do evento e a comunidade externa.

A terceira etapa foi a de construção editorial da Biblioteca. Foi realizada uma busca por temáticas e pessoas que estivessem dispostas a contar suas histórias: relatos que fossem marcados pelo estigma. Em um primeiro momento foram elencadas temáticas que são amplamente debatidas pela sociedade; a partir daí, a equipe organizadora buscou pessoas conhecidas que tinham histórias vinculadas a tais temas. A prudência e o zelo na realização da primeira experiência orientou as buscas e os convites que eram feitos pessoalmente.

Ficou estabelecido um número máximo de 20 livros: pessoas que compartilhariam suas histórias em duas sessões no evento, a serem realizadas ao longo de uma manhã. Esses livros foram reunidos, para confraternização e organização, em dois encontros preparatórios nos quais eles pudessem se conhecer, compartilhar suas histórias entre si e compreender a metodologia do Livro Vivo através do diálogo e reflexão coletivos. Esta decisão teve como base a perspectiva de que o engajamento dos narradores no planejamento, e não só uma participação no dia do evento, se-

ria muito importante para o sucesso do projeto.

Nesta reunião, os livros se encontraram com a comissão organizadora e monitores. Depois de uma introdução sobre o projeto, cada Livro Vivo foi apresentado ao seu respectivo monitor, com quem puderam conversar livremente e contar sua história, organizando sua fala e ensaiando a condição de narradores. Durante esta conversa, eles, narradores e monitores, criaram duas propostas de título e uma sinopse. Estas foram, num outro momento coletivo, apresentadas de forma breve para todo o grupo que sinalizava qual dentre os títulos apresentados seria mais adequado e instigante.

De certa forma, todos mergulhavam no projeto, refletindo sobre o desafio do compartilhamento das situações de exclusão. Junto com o grupo, que comentava sobre cada história, mas cabia ao Livro Vivo escolher seu título, dando a palavra final. Este momento possibilitou um entrosamento em toda a equipe, organização, monitores e livros, que juntos vivenciaram uma experiência de ouvir o outro e desde este ponto de vista já repensar suas próprias formas e experiências de estigmatização e exclusão do outro.

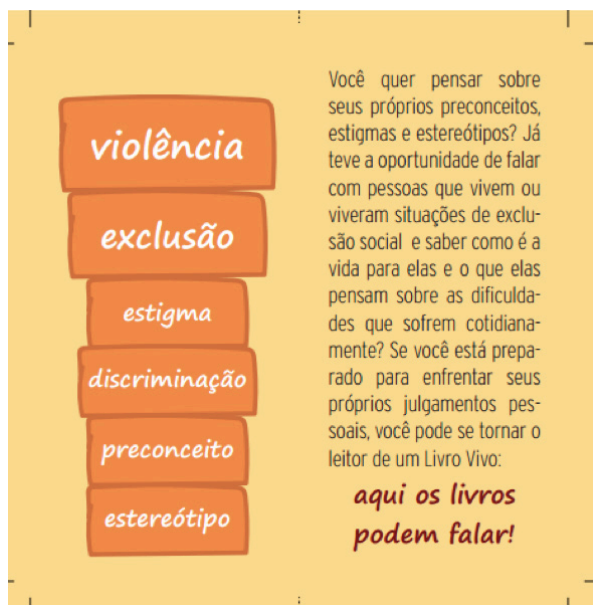
O LANÇAMENTO DOS LIVROS VIVOS

O ambiente escolhido para a intervenção foi o bosque localizado ao lado da Reitoria do Campus universitário da Pampulha. Os livros foram abrigados à sombra das árvores. Foram colocados móveis estofados para que os participantes ficassem confortáveis. A árvore eleita foi sinalizada por uma placa com os dizeres: “Livro Vivo”. Cada um deles tinha a liberdade de caracterizar seu espaço da forma como desejasse. Alguns colocaram fotos ou pertences pessoais que faziam parte do contexto da história a ser narrada – como por exemplo, um dos Livros, que era de origem indígena, levou objetos típicos, o que contribuiu para maior apropriação cultural da história. Incensos perfumaram o ambiente que foi delimitado simbolicamente por uma fita branca. A intenção desse gesto era proteger os narradores e o espaço de leitura, evitando que pessoas transitassem pelo ambiente da biblioteca sem que primeiramente passassem pelos bibliotecários e lessem o conjunto de sinopses (catálogo). O espaço reinventado podia ser identificado por todos que transitavam pela avenida principal do Campus.

Durante todo o evento, a principal preocupação era recriar o ambiente de uma biblioteca, um espaço no qual o leitor pudesse ter a experiência da leitura como se retirasse um volume da prateleira e usufrísse de um momento íntimo com o autor escolhido. Assim, a entrada para a biblioteca só era possível através da tenda, o que também facilitava a logística de organização.

Logo no início do evento, os primeiros leitores começaram a se aproximar da tenda. Muitos já conheciam o evento pela divulgação realizada no bojo da V Semana de Saúde Mental e Inclusão Social. Outros chegaram atraídos pela logística do evento, que produziu uma ambientação atraente ao espalhar pufes e cadeiras embaixo das árvores do bosque.

Figura 2 – Folder de divulgação



Fonte: Acervo dos autores.

Para atrair a atenção dos leitores e dar visibilidade ao evento, foi convidada a artista plástica Thereza Portes, do Instituto Undió (Belo Horizonte) para realizar uma intervenção intitulada: “Café da rua”. A experiência estética consistiu na montagem de uma mesa de café da manhã com bolos e biscoitos típicos que eram servidos com o café coado em manebos. Estes perfumes e sabores tradicionais da culinária mineira foram dispostos esteticamente sobre uma toalha branca onde as pessoas podiam registrar suas histórias e impressões (havia canetas disponíveis) como se escrevessem um grande livro coletivo. O “Café da rua” possibilitava aproximações e aderências. Alguns monitores distribuíam folders, botons e adesivos que convidavam à reflexão sobre a exclusão e o estigma (estereótipos, preconceitos etc). Esta foi uma estratégia interessante porque, além de alcançarmos pessoas da comunidade acadêmica, também dialogávamos com pessoas que não possuíam vínculo com a universidade e por algum motivo estavam circulando no campus naquele dia.

Dentre essas pessoas tocadas pelo “Livro Vivo”, algumas decidiam se deter para a leitura. Neste momento, era apresentado um catálogo com os títulos e uma breve sinopse sobre cada história disponível.

Tabela 2 - Catálogo de Livros Vivos: títulos e sinopses

<p>1. “Verás que uma filha tua não foge à luta” Reflexões sobre os preconceitos e desinformações da sociedade não indígena até o dia de hoje, perpetuando o estereótipo do “bom selvagem”. O relato emerge da vivência: são frutos da continuidade da resistência indígena.</p>
<p>2. “Bi-chi-chi-chi-nha lo-ou-ou-ca” Apesar da gagueira, da sexualidade - não heteronormativa -, da expressão corporal fora do normal e da coleção de diagnósticos psiquiátricos, este livro está vivo e aberto para contar a sua história!</p>
<p>3. “O nascimento da “Esperança” Uma história de duas vidas, mãe e filho, marcadas pelo estigma da loucura e da homossexualidade, mas colorida também pela perseverança e amor.</p>
<p>4. “Brincando de enxergar batatas e cebolas: curiosidades de uma pessoa com baixa visão” De forma bem-humorada, o livro apresenta as crônicas sobre sua infância e adolescência com um toque especial que a condição de baixa visão lhe propiciou. Ele narra de forma suave e agradável situações de alguém que não é cego, mas que também não enxerga, e como aprendeu a superar e aceitar sua condição.</p>
<p>5. “Sozinho só ri sério: delirando enclausurado” Este livro diz sobre a impossibilidade de ser feliz sozinho. O título “sozinho só ri”, remete à indiferença do riso só e do riso compartilhado, feliz. “Eu estou só, mas prometo (e também não prometo) que encontrará a felicidade escondida nas entrelinhas deste livro”, diz o autor.</p>
<p>6. “Simplesmente: surtei” Surtá! Vivê uma realidade paralela; acontece na minha corrente familhá. Acho que está no meu DNA.</p>
<p>7. “De mãos dadas com a loucura” Meu relacionamento com minha namorada louca: como eu a conheci, como é nosso relacionamento e como eu aprendi sobre a loucura com ela.</p>
<p>8. “Eu, carrasco: convivendo com a estigmatização” É difícil ter esperança em meio a uma guerra de sete anos num jovem coração. Se há alguns ensaios de otimismo, a ruína parece falar por si, sem qualquer esforço. Esta história retrata o embate entre esperança e o estigma da impotência.</p>
<p>8. “A gestação de um estigma” Aos 16 anos, este livro descobriu uma gravidez indesejada e também todo o estigma de ser mãe “antes da hora”. Mas, qual é a hora certa?</p>
<p>9. “Doida de jogar pedra: quem joga a pedra?” Dizem que louca joga pedra, mas quem joga pedra: a louca em seu sofrimento ou aqueles que fazem a louca sofrer?</p>
<p>10. “A louca do Carma” Afetada por uma doença que a levou à cadeira de rodas, novas realidades são apresentadas a este livro: um novo olhar que não se adapta e sim denuncia as diversas violências às quais fora e é sujeita. Este livro faz de seu passado uma história a ser compartilhada, de seu presente uma superação e de seu futuro, a esperança.</p>

<p>11. “Transtorno por estresse pós-traumáticos (TEPT): que corpo é esse?” História vivida por uma mulher que, após uma vivência com seu filho recém-nascido, desenvolveu o TEPT. A partir de relatos do cônjuge quanto ao seu comportamento, foi possível perceber que precisava de ajuda, pois o corpo presente estava preso ao passado.</p>
<p>12. “Por parte de pai” Um homem que se fez por si mesmo, apesar de todos os preconceitos sofridos em terra estrangeira. Há dois anos, deixa a sua grande amiga-filha que espera encontrá-lo em uma esfera longe deste planeta!</p>
<p>13. “Nem tão claro, nem tão escuro” A história deste livro pretende abordar a vida entre o claro e o escuro típico da sua baixa-visão. A infância, os estudos, a vida profissional e a vida adulta sob a perspectiva de uma pessoa com deficiência visual são o enredo desse livro vivo e cheio de curiosidades.</p>
<p>14. “Diadorim, um resgate de amor”. Relatos de uma jovem mulher gorda.</p>
<p>15. “Quer se colocar no lugar do monstro?” É um livro sobre discriminação e o estigma de ser deficiente passa por rótulos como infantilização, assexualidade e anormalidade. Um corpo que não obedece às normas. Colocar-se no lugar daquele que é chamado de monstro.</p>
<p>16. “Amor rima com dor?” No Brasil, é mais comum do que se imagina... O sonho de uma vida a dois, a ideia de encontrar o príncipe encantado que de repente se transforma em um algoz. O final dessa história de violência feminina tem um desfecho diferente das demais.</p>
<p>17. “Esse corpo é meu” Diante a violência, há um corpo coletivo que afirma: Não! Isso não é direito!</p>
<p>18. “Marabou: a jornada de uma universitária” Sonhos realizados, desafios, mudanças drásticas, saudade, incertezas, experiências novas, conhecimento, estereótipo, preconceito, discriminação, frustração... tudo ao mesmo tempo. Estas são as palavras que resumem a história de uma jovem estudante universitária haitiana no Brasil.</p>

Fonte: Catálogo de Livros Vivos (2017)

Destacamos que os títulos variavam entre construções poéticas como “Verás que uma filha tua não foge à luta”, “Sozinho só ri sério: delirando enclausurado”, e “Diadorim, um resgate de amor”; e títulos mais literais, que anunciavam o assunto que abordariam: “Bi-chi-chi-chi-nha lo-ou-ou-ca” (narrado por uma pessoa gaga), “Simplesmente: surtei”, e “Transtorno por estresse pós-traumático (TEPT): que corpo é esse?”. As sinopses, por sua vez, não exauriam o conteúdo e também contemplavam a perspectiva do narrador. O leitor, após eleger seu livro em diálogo com os bibliotecários e verificada a disponibilidade de leitura, se inscrevia por meio de uma ficha com suas informações pessoais (nome, e-mail, ocupação) e registrava o livro que havia escolhido. Os leitores tinham a possibilidade de ler até dois livros, ou seja, participar das duas sessões consecutivas.

Após a escolha, o leitor era encaminhado e orientado pelos bibliotecários para um grande painel, onde constavam regras de leitura e comportamento da biblioteca:

ORIENTAÇÕES PARA LEITURA

- Consulte nosso Catálogo! Os bibliotecários estão aqui para te ajudar a escolher um Livro Vivo para a reflexão sobre estereótipos, preconceito, estigma e discriminação.
- Você só pode consultar um livro a cada vez. Cada livro poderá ser compartilhado por até três leitores.
- Por favor, respeite o prazo de cada empréstimo: 30 minutos.
- O Livro Vivo pode ser consultado apenas dentro da Biblioteca.
- Não é permitido levar o livro para casa ou emprestá-lo a outra pessoa! Lembre-se de que a experiência do Livro Vivo é única: esta é a sua grandeza!
- Eles devem ser devolvidos na mesma condição que estavam quando foram emprestados.
- Todos os livros presentes se dispuseram a compartilhar suas vivências de estereótipos, pre-conceito, estigma e discriminação em nossa sociedade.
- Você pode fazer perguntas e compartilhar seu próprio ponto de vista, mas sempre com respeito à pessoa que se dispôs a contar sua história. O Livro Vivo pode se fechar quando a leitura se tornar desagradável ou desrespeitosa.
- Preencha o Registro de empréstimo do Livro Vivo e comece a experiência!

Após a leitura das regras protetivas, o leitor era então direcionado ao local onde estava o Livro Vivo e então era iniciada a leitura. Essa dinâmica aconteceu tanto na primeira quanto na segunda sessão.

A ideia inicial era que cada livro tivesse no máximo três leitores, mas devido à grande demanda durante o evento, esse número foi alterado, após consulta feita aos narradores, permitindo que mais pessoas vivenciassem a experiência: na segunda sessão, houve livros que aceitaram até oito leitores. Ainda assim, muitos leitores não puderam realizar a experiência do Livro Vivo plenamente, pois as inscrições foram efetivamente limitadas. No entanto, como dissemos, apreciavam o material e eram convidados a escrever suas histórias na mesa do “Café da rua”. Era necessário preservar a narrativa como momento de proximidade.

No decorrer do evento, a procura pela biblioteca foi crescente. A proximidade com o horário de almoço também possibilitou que mais pessoas transitassem pela região no entorno da biblioteca da universidade.

Ao final de cada sessão, os leitores eram convidados, pelos monitores que acompanhavam a leitura e os narradores, a responder um questionário estruturado, com perguntas abertas e de múltipla-escolha. As perguntas fechadas tinham um caráter avaliativo sobre o evento; já as perguntas abertas convidavam o leitor a expressar sua opinião sobre a vivência que teve durante a leitura.

AValiação DO EVENTO

Apresentaremos aqui alguns aspectos importantes das avaliações do evento, para todos os envolvidos.

O evento contou com 134 leitores divididos nas duas sessões: número superior às expectativas iniciais da organização. A faixa etária do público variou entre 17 a 69 anos, sendo que a maioria foram pessoas de 17 a 21 anos e eram estudantes. Compareceram também muitos professores e servidores da UFMG, assim como pessoas com profissões diversas – como artesão, engenheiro, veterinário, dona do lar, entre outros. Tivemos uma presença equilibrada de homens e mulheres, e cerca de 5 respostas que se remeteram ao gênero “não-binário”. Quanto à divulgação, a maioria dos participantes indicou que soube do evento pela programação da V Semana de Saúde Mental e Inclusão Social (31%); pela indicação de outros leitores que convocaram os amigos das redes sociais (18%) ou por sugestão anterior das pessoas já integradas ao evento na organização, monitores, os próprios livros (9%) e outros, ainda, aderiram porque estavam passando pelo local do evento (16%).

Podemos refletir sobre o impacto do evento em termos de alcance, já os participantes foram muito diversos – estudantes, profissionais, apoiadores, entre outros – e a quantidade muito maior do que a esperada. O evento repercutiu não só durante sua realização, mas posteriormente através das redes sociais. A cobertura realizada pela TV da universidade foi visualizada mais de seis mil vezes através de redes sociais como o Facebook e Youtube, o que mostra a relevância do evento que criou de fato um ambiente de encontro e diálogo entre leitores e livros, estigma e exclusão.

A grande maioria dos participantes avaliou positivamente a proposta do evento, a seleção de livros disponíveis e o livro escolhido.

Quanto à escolha pelo livro, as respostas eram abertas e variaram, entre três grandes categorias: 1) as que foram motivadas unicamente pelo título (chamou a atenção, pareceu interessante, etc.); 2) pelo tema ou temática que abordavam; 3) algum nível de identificação com a experiência (ter vivido algo parecido ou conhecer ou acompanhar de perto alguém que viveu). Também ocorreram outras respostas que vinculavam a escolha ao autor – pessoas que já os conheciam – ou a outros motivos mais pessoais – como, por exemplo, intuição, simplicidade e impulso.

No que concerne aos desafios e dificuldades para o leitor, no diálogo com histórias de estigma e exclusão, algumas respostas que denotaram respeito e comprometimento ético foram: “[o incremento de] capacidade de entender e ser empático com o outro”; “[saber] lidar com as questões internas que aquela história suscitou, inclusive em termos de ‘não chorar’”; “saber o que dizer ou devolver ao livro”; “[saber] fazer perguntas que não ofendessem ou o ‘machucassem’ de alguma forma”. Houve ainda leitores que atribuíram ao adjetivo “desafiador” algo negativo, e respon-

deram que não houve momentos assim, pois a experiência foi vivida de forma “agradável do começo ao fim”. Consultados sobre a possibilidade de indicar o livro lido a outras pessoas, as justificativas dos leitores foram muito vinculadas a características pessoais dos livros, que sinalizaram um reconhecimento de valor pessoal dos narradores: muitos elogios aos mesmos.

As sugestões de temáticas apresentadas pelos leitores abrem novas possibilidades. Foram indicadas diversas sugestões que dizem respeito à pauta vinculada à dinâmica acadêmica, ainda que não se restringissem a este parâmetro. Foram nomeadas as seguintes temáticas: “a distância entre pessoas fisicamente próximas”; “a solidão da mulher negra”; “a violência relativa a homossexualidade”; “pessoas do sistema penal”; “ansiedade”; “assédio”; “depressão”; “estupro”; “experiência familiar com suicídio”; “familiares de pessoas LGBT” (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros); “Felicidade”; “Histórias de inspiração na faculdade”; “HIV” (Vírus da Imunodeficiência Humana), “religião e doença”; “LBTTQ no Brasil” (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Queer); “o sofrimento dos usuários do Parque da Lagoa do Nado após a queda do viaduto”; “paternidade adolescente”; “pessoas com deficiência auditiva”; “TOC, TAG e deficiência intelectual” (Transtorno Obsessivo Compulsivo e Transtorno de Ansiedade Generalizada); “refugiados e teoria de fronteiras”; “religião, escolha de curso, política”; “drogas; trabalho e negritude”; “transexualidade”; “transtorno bipolar e esquizofrenia”.

Todos esses temas remetem à discussões que ultrapassam o cenário acadêmico e se conectam com questões atuais e fundamentais para a construção de uma política de inclusão, além de apontarem para as estreitas relações com o tema da saúde e sofrimento mental, tomado no seu sentido mais amplo e despatologizado (Venturini; Goulart, 2016)

A equipe também sinalizou uma avaliação muito positiva. Destacaram-se, na avaliação, os monitores e comissão organizadora, como pontos positivos, o grande aprendizado pessoal e acadêmico, o grande alcance do evento em termos de participação, o cuidado que os leitores em geral tiveram com os livros e a potencialidade do evento demonstrada nas respostas e nos feedbacks dos leitores durante o evento. Foi avaliado como negativo as dificuldades relativas à organização do fluxo de leitores e a frustração diante daqueles que não puderam efetivamente ler um dos livros, em função da surpreendente demanda crescente. A dificuldade em produzir equanimidade na distribuição dos livros foi significativa, deixando algumas sessões cheias de pessoas e o desafio da ocupação do espaço e organização do tempo entre as sessões.

É interessante ressaltar, porém, que neste ponto, os livros discordaram desta avaliação negativa: para eles foi muito gratificante que muitas pessoas se interessassem por suas histórias. Para os monitores a experiência do evento em si foi destacada como muito especial e que sen-

tiram a necessidade de conhecer a história de todos os livros. A curiosidade em relação ao outro e suas dificuldades foi uma conquista.

Certamente, o maior impacto maior a ser destacado é o dos próprios livros. Foi realizada por eles uma avaliação sistemática via questionário com perguntas abertas e fechadas, mas também, uma avaliação coletiva, mais geral, feita em um encontro com monitores e equipe organizadora, realizado uma semana após o evento. Foram destacados como pontos positivos a importância daquele momento para falarem de si próprios em um contexto tão amigável, acolhedor e empático. O evidente cuidado dos leitores e da equipe para com eles e a rede construída com os outros livros foi também destacada. Em sua maioria avaliaram positivamente os aspectos de organização geral e realização do evento, destacando como negativos o fato de que a individualização das árvores para sua instalação poderia ser ainda mais cuidadosa.

Todos responderam que repetiriam a experiência e seriam livros novamente e com uma exceção, destacaram a importância da relação com o monitor tanto antes, quanto durante o evento. Avaliaram que o tempo entre as sessões - aproximadamente 30 minutos - foi muito curto, já que as primeiras sessões se estenderam um pouco mais ou restou pouco tempo para se alimentar, ir ao banheiro, ou mesmo, se recompor. Comentaram verbalmente que, ainda que tenham sido tomadas tantas medidas protetivas, ocorreram alguns diálogos difíceis com alguns poucos leitores, que insistiam em construir julgamentos e atitude de desvalorização.

Durante a reunião avaliativa pós-evento, todos compartilharam de uma sensação dupla de cansaço - suscitada pelo relato das histórias doloridas - mas também de alívio, de tranquilidade que aquele momento possibilitou. Um dos livros relatou enfaticamente que o evento impactou positivamente a sua vida, abrindo espaço para a ressignificação das experiências de sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escutar e dialogar com o outro, que diariamente sofre com as consequências do estigma que lhe é atribuído, os leitores, a comunidade acadêmica, demonstraram interesse, empatia, preocupação e cuidado. Em termos de experiência para os leitores, os relatos demonstram que o evento de fato contribuiu para a reflexão de boa parte deles a respeito da temática escutada, projetando uma aproximação com a cena da estigmatização e a exclusão social.

A experiência acadêmica transfigurou-se, ao longo do processo “editorial” de construção dos Livros Vivos, e, finalmente, na ocasião do lançamento do catálogo coletivamente construído, delineou-se uma experiência de vida e uma oportunidade de produzir conhecimento imedia-

tamente associado à possibilidade expressiva e estética. A narrativa converteu-se em literatura e deleite criativo.

O “Livro Vivo” se evidenciou como uma importante e eficaz ferramenta de inclusão e de desnaturalização dos processos de estigmatização e exclusão que discutimos anteriormente, produzindo espaços reflexivos interpessoais, onde as pessoas envolvidas pudessem encontrar espaço acolhedor para o reconhecimento de um outro lugar (im)possível nas relações sociais.

Chama a atenção como, de alguma forma, na grande maioria dos leitores perpassa a questão da identificação – com o tema, com a história contada, ou com o próprio livro – e do cuidado com o outro. Isso nos permite inclusive avaliar que tais aspectos do evento “Livro Vivo” são justamente o que o torna tão especialmente impactante e transformador. As proposições de pauta para novos eventos apontam claramente para os limites da convivência acadêmica e para as possibilidades de produção de pesquisa e extensão universitária, se considerada a missão de produção de conhecimento articulada à conquista de cidadania: solidão, violência, racismo, gênero, assédio, sofrimento mental, suicídio entre outros.

Os Livros Vivos, os narradores, delimitaram um território a ser ocupado e vitalizado. Por outro lado, tiveram uma oportunidade de operar como pessoas acolhidas para além de seus rótulos, na medida em que se transformaram em emissores de conhecimento, em oportunidade de reflexão para a própria universidade que, fundamentalmente, não é ainda um lugar de trânsito para a diferença. Sua participação aponta para a necessária articulação com aqueles que protagonizam o lugar onde os maiores desafios humanitários, culturais, políticos e éticos são delineados.

A indicação é que novas “versões” do evento sejam realizadas não só em um contexto universitário, mas nos diversos espaços de convivência coletiva. A biblioteca humana nos ensina que, para além da suspensão momentânea da estigmatização e do exercício de exclusão, vale a pena nos permitir tocar e sermos tocados pela alteridade relegada à invisibilidade social. Ela estabelece um vínculo muito sensível entre livro e leitor, entre a academia e a vida. O ideal é que esta relação não precise ser construída em eventos específicos, mas que fosse vivenciada naturalmente nas relações do dia a dia: falar e escutar. Talvez assim, o “Livro Vivo” passe a ser uma iniciativa de unir leitor e livro não por histórias marcadas por situações de exclusão social, mas para ouvir e contar histórias de inclusão e busca da felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Estereótipo (s.d.). Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/estereotipo>>.

Goffman, E. (1975). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar.

Wanderley, M. B. (2009). Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3.ed. Petrópolis: Vozes.

Venturini, E. (2016). A linha curva: o espaço e o tempo da desinstitucionalização. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Venturini, E; Goulart, M. S. B. (2016). Universidade, solidão e saúde mental. Interfaces – Revista de Extensão da UFMG, v.4, n.2, p. 94-115, jul/dez.

Véras, M. (2009). Exclusão social: um problema brasileiro de 500 anos (notas preliminares). In: Sawaia, B. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3.ed. Petrópolis: Vozes.

UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais (2015). Relatório da comissão instituída pelo reitor para constituir uma agenda de discussão e propor diretrizes para uma política institucional de saúde mental no âmbito da UFMG. Comissão institucional de saúde mental (CISME/UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais.